



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Licenciatura em Letras/Português
Monografia em Literatura**

MAYARA ESTEVES COSTA

**NARRATIVAS DO PRESENTE: CAPITALOCENO E REINVENÇÃO DO HOJE
EM *A EXTINÇÃO DAS ABELHAS*, DE NATALIA BORGES POLESSO**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Virgínia Maria Vasconcelos Leal

**BRASÍLIA
2023**

Mayara Esteves Costa

**NARRATIVAS DO PRESENTE: CAPITALOCENO E REINVENÇÃO DO HOJE
EM *A EXTINÇÃO DAS ABELHAS*, DE NATALIA BORGES POLESSO**

Monografia apresentada ao programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Virgínia Maria Vasconcelos Leal

**BRASÍLIA
2023**

AGRADECIMENTOS

À minha família. Minha mãe, Siomara Esteves, e meu irmão, Rafael Esteves, pela vida que temos e por tudo que somos. Meus professores primeiros, *porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo*. Obrigada por serem a assinatura de tudo o que mais me faz feliz no mundo. Por todo o apoio, pelo amor incondicional e pelo carinho para construirmos, juntos, o que é nosso. Vocês são meus melhores amigos, a minha casa. Minha casa constantemente amanhecendo. Muito obrigada.

Às minhas amigas Maria Fernanda e Isadora Rodrigues. Pelos cafés da manhã e pelas noites insones. Pela sinergia e as risadas dispostas em toda a nossa graduação de psicologia.

À Maria Eduarda Brum. Por ser bicho de corpo e de carnaval. Por trazer do Rio de Janeiro aquilo do que mais gosto em flor. Pelas Letras, a curadoria de gostos, a vontade do verbo.

Ao Matheus Bacelar, meu padrinho de curso, e à Ana Luiza Aguiar, meu duo na Residência Pedagógica. À Isadora Ribeiro, à Isabela Fernanda, à Thayná de Paiva, à Gabriela Kiyó, amigas anteriores à Universidade de Brasília, e que permanecem. Ao Rafael Brocchini e ao Moreno Lago, pela companhia e pela graça de suas artes. Aos encontrados no Moe's.

Ao Daniel Bruno, professor de literatura do meu ensino médio, por me indicar a leitura de Júlio Cortázar, de Mikhail Bulgákov, de Lygia Fagundes Telles e de tantos outros. Obrigada pela tertúlia entre aulas. Confirmou em mim a certeza das Letras. O desejo delas.

Aos professores Alexandre Pilati, Ana Laura Corrêa, Anderson da Mata, Ariel Pheula, Regina Dalcastagnè, Henryk Siewierski, João Gonçalves, Lilia Gonçalves Magalhães e Renato Cabral, em quem encontrei os superlativos que me encantaram na educação da universidade pública. Em especial, aos professores que, além disso, também me acolheram como orientadores em atividades de pesquisa, de ensino e de extensão na Universidade de Brasília; à Patricia Nakagome, ao Rodrigo Albuquerque, à Heloisa Salles e à Virgínia Leal.

À Patricia Nakagome, de novo. Por tanto, que, ainda hoje e desde o primeiro semestre, gaguejo – digito e apago – digito e apago – as palavras que deviam dizer obrigada. Peço ao tempo gentileza para que algum dia eu consiga sabê-las.

À Capes, ao CNPq e ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, pelos auxílios financeiros e as experiências tão legais por eles propulsionadas.

À Universidade de Brasília, com amor, obrigada.

Há vida em tudo.

E há memória.

Para alguns.

*O que pode realmente nos salvar é este exercício
constante de reconstruir o tempo na língua.*

A memória.

(Natália Borges Polessso em A extinção das abelhas)

RESUMO

Neste trabalho, abordamos a urgência de pensar o presente com uma visão crítica e prospectiva, para tanto, recorreremos à literatura. Analisamos a obra *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso, explorando como ela reflete e critica a realidade brasileira atual. Iniciamos o trabalho estabelecendo um panorama temporal do Capitaloceno. Além disso, à semelhança de um aplicativo disposto na obra em análise, apresentamos o *colapsômetro*, uma ferramenta desenvolvida para medir indicadores do colapso mundial. Em seguida, investigamos como Polesso estrutura sua ficção utilizando elementos da realidade brasileira para construir uma narrativa que espelha e questiona nossa contemporaneidade. Dividimos nossa análise em três tomos principais. O primeiro tomo aborda a incorporação na obra de elementos representativos da realidade imediata do Brasil, assim, mostramos como fatos e acontecimentos nacionais são transpostos para a história. O segundo tomo se concentra na construção de personagens-chave – Regina, Denise e Eugênia – de modo a olhar para os efeitos que elas exercem na narrativa. O terceiro e último tomo examina o roteiro de Polesso como um esboço para um possível ressurgimento da sociedade, enfatizando uma crítica que convoca a ação imediata para a reinvenção do presente, em vez de postergar soluções para o futuro. Em suma, nosso estudo apresenta uma análise literária, em tom ensaístico, a partir de aspectos críticos da realidade brasileira sob o Capitaloceno, e da literatura como propulsora da compreensão e da reimaginação do nosso mundo.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea; A Extinção Das Abelhas; Capitaloceno.

ABSTRACT

In this paper, we address the urgency of considering the present with a critical and forward-looking perspective, resorting to literature. We analyze Natalia Borges Polesso's work "A extinção das abelhas", exploring how it reflects and critiques the current Brazilian reality. We begin by establishing a temporal panorama of the Capitalocene. Additionally, akin to an application depicted in the work under analysis, we introduce the "collapseometer", a tool developed to measure indicators of global collapse. Next, we investigate how Polesso structures her fiction using elements of Brazilian reality to construct a narrative that mirrors and questions our contemporaneity. We divide our analysis into three main tomes. The first tome addresses the incorporation of representative elements of Brazil's immediate reality into the work, demonstrating how national facts and events are transposed into the story. The second tome focuses on the construction of key characters – Regina, Denise, and Eugênia – in order to examine the effects they have on the narrative. The third and final tome examines Polesso's script as a blueprint for a potential resurgence of society, emphasizing a critique that calls for immediate action to reinvent the present, rather than postponing solutions for the future. In summary, our study presents a literary analysis, in an essayistic tone, based on critical aspects of Brazilian reality under the Capitalocene, and on literature as a driver of understanding and reimagining our world.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; "A extinção das abelhas"; Capitalocene.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES**FIGURAS**

Figura 1: <i>Ophrys apifera</i> , ou Erva-abelha.....	10
Figura 2: Abelha <i>Eucera nigrilabris</i> fêmea.....	10

GRÁFICOS

Conjunto de Gráficos 1: Índices do Sistema Terra.....	16
Conjunto de Gráficos 2: Índices Socioeconômicos.....	17

QUADROS

Quadro 1: Cronologia de José Eli da Veiga sobre o Antropoceno.....	14
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Capitaloceno e Colapsômetro.....	14
A extinção das abelhas.....	22
Análise da obra.....	24
Tomo 1: Simulacro.....	25
Tomo 2: Signos.....	28
Tomo 3: Sonhar.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

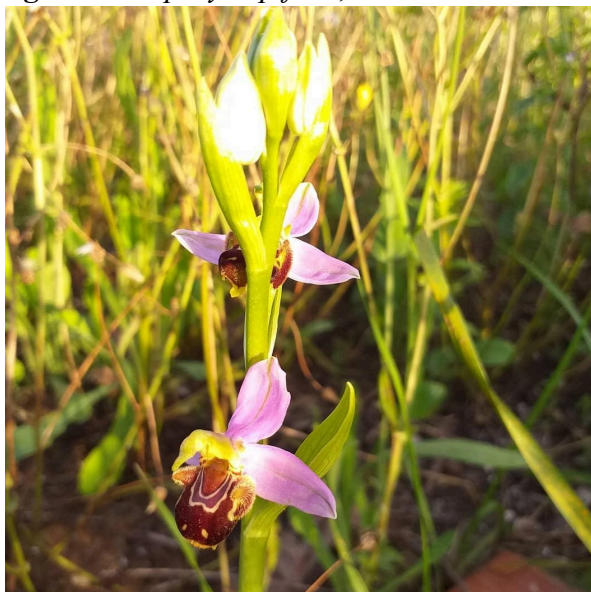
Na essência de ser um, somos sempre, no mínimo, dois. Ser um é tornar-se com muitos.

(Donna Haraway)

Você é todo mundo, ainda que tenham te dito que não.

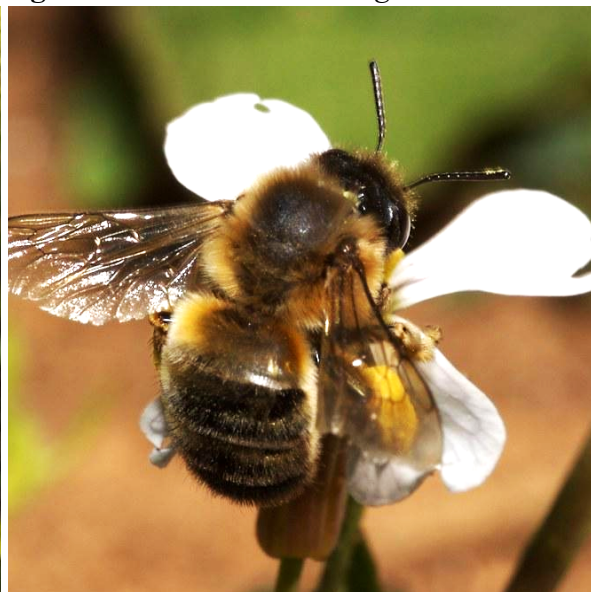
(Natália Borges Polessa)

Figura 1 – *Ophrys apifera*, ou Erva-abelha



Fonte: Silva, 2021

Figura 2 – Abelha *Eucera nigrilabris* fêmea



Fonte: Vereecken, 2008

“Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde” chancela Manuel António Pina no título de seu livro de estreia em 1984. São menos os poemas do que a longa sentença nomeando a obra que tem pulsado em minha memória durante a elaboração deste texto. Mais do que no tempo dedicado ao ofício, ela aparece em momentos de desespero, ao ouvir as notícias no início do dia ou, em seu tardar, ler o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) de 2023. Ora a frase soa agradável, como um acalento, contornada por um “um pouco tarde não é tarde demais” que me escapa; ora soa ansiogênica, alarmante, sugerindo que os 39 anos que separam a sua primeira enunciação do agora podem ter transformado, sim, o “um pouco tarde” em “tarde demais”.

Lembro, com Donna Haraway (2016), a anedota do quadrinho *Bee Orchid*, de Randall Munroe (2015)¹, cuja narrativa, sublinhada por lirismos, envolve as flores de uma orquídea, *Ophrys apifera*, que simulam a aparência e o cheiro das fêmeas da abelha que a poliniza, a *Eucera nigrilabris*. Dessa forma, os machos, ao tentarem copular com a “abelha”, transfeririam à planta o grão de pólen necessário à sua fertilização e reprodução. Munroe continua a história sentenciando que, em função de essas abelhas terem sido extintas há muito tempo, as orquídeas recorreram à autopolinização, o que ele aponta como uma estratégia genética que apenas atrasa o inevitável – a entender, o desaparecimento da *Ophrys apifera*. Em seguida, o autor conclui que “Nada da abelha restou, mas nós sabemos que ela existiu a partir da forma da flor. É uma ideia do que a abelha fêmea parecia para a abelha macho... da forma como foi interpretada por uma planta” (Munroe, 2015).

Haraway remonta a essa história com especial apreço por não haver um retrato da flor como uma *fac-símile* da abelha extinta. Em vez disso, “a flor recolhe a presença da abelha de maneira oblíqua, no desejo e na mortalidade” (Haraway, 2016, p. 69, tradução nossa). Ainda, seu entusiasmo é impulsionado pela fala presente no último quadro, quando uma das personagens promete lembrar da flor e da abelha que ela mimetiza. Nesse sentido, a autora celebra: “A prática das artes da memória envolve todas as criaturas terrestres. Isso tem que ser parte de qualquer possibilidade de ressurgimento!” (Haraway, 2016, p. 69, tradução nossa).

Enquanto Haraway reflete sobre o processamento da planta e a memória impressa em sua corporeidade, Carola Saavedra (2021), acerca do mesmo fragmento, ao ponderar sobre a simbiose entre flores e abelhas, compadece-se da orquídea, que “fica ali, belíssima, à espera de alguém que não mais virá.” (Saavedra, 2021, p. 36). Além disso, a autora nos recorda de Lynn Margulis, propulsora da Teoria da Evolução por Endossimbiose, quem defende, em 1981, que a evolução “ocorre a partir da simbiose (e não da lei do mais forte, como afirmam os neodarwinistas)² e que quase toda a vida na Terra seria uma organização de diversas simbioses”, de modo que não haveria, portanto, “em termos biológicos, o indivíduo como imaginamos” (Saavedra, 2021, p. 179).

¹ Disponível em: <https://xkcd.com/1259/> (tradução nossa no decorrer do parágrafo).

² Noto, em adição a isto, o que José Eli da Veiga resgata, na obra *The Descent of a Man* (1871), de Charles Darwin, da qual ele resume que “Ao transformarem um ambiente primitivamente hostil à sua sobrevivência, os humanos libertaram-se, em grande parte, da seleção natural, mediante o que entendemos por civilização, ou processo civilizador. Mais profundamente, a seleção de instintos sociais propícios ao crescimento das capacidades racionais favorece a organização comunitária, a cooperação, a generalização de comportamentos solidários, a intensificação dos sentimentos afetivos, bem como a extensão progressiva do sentimento de simpatia, de moralidade, dos direitos, da proteção dos fracos e do reconhecimento do outro como semelhante” (Veiga, 2023, p. 157). Deste modo, já a partir de Darwin, não havia, portanto, o “indivíduo” como o imaginamos.

É também Donna Haraway, em entrevista realizada por Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski, quem defende que “contar histórias é algo muito potente para se fazer agora” (Danowski *et al.*, p. 420). Ao elaborar sobre isso, a autora recorre ao seu construto *Chthuluceno*³ e desenvolve:

Acho que isso nos dá também a melhor oportunidade de fluência, mas também nos torna mais poderosos e resistentes aos sistemas de dominação que são tão abundantemente presentes e poderosos. E, então, esse gênero de contar história que reúne tanto os humanos e não-humanos na fluência tanto imaginada quanto realizada é muito importante para mim. Eu penso, portanto, **o Chthuluceno como uma proposta de contar histórias**: aqui está a história, quem vai habitá-la? Nós sabemos um pouco sobre quem habita a história do Antropoceno e do Capitaloceno. Acho que há um trabalho crítico tremendamente importante a ser feito dentro do quadro do Capitaloceno, uma contínua crítica do aparelho de produção de um certo tipo de riqueza, de sua extração e distribuição (...) Mas o Chthuluceno é algo realmente diferente, é um outro tipo de coisa. É um convite para habitar um tornar-se-com, para, como diria Vinciane Despret, tornarmo-nos uns aos outros capazes, no cultivo de *responsabilidades* [*response-ability*] (Danowski *et al.*, p. 420-421, grifo nosso).

Há diversas formas de contar histórias. Dentre elas, Antonio Candido cita a anedota, o caso, a história em quadrinhos, o noticiário policial, a canção popular, a moda de viola e o samba carnavalesco (Candido, 2011, p. 177). A isso, o autor nomeia literatura. Uma forma de contar histórias que aparece “em todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (Candido, 2011, p. 176). Em sua introdução ao conceito de literatura, Terry Eagleton rejeita a noção de uma “essência” inerente à disciplina e, para tanto, convoca o argumento de John M. Ellis sobre a palavra “literatura”, que funcionaria como a palavra “mato”, isto porque “o mato não é um tipo específico de planta, mas qualquer planta que, por uma razão ou outra, o jardineiro não quer no seu jardim” (Eagleton, 2006, p. 11). Eagleton continua, “Literatura’ talvez signifique exatamente o oposto: qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada” (Eagleton, 2006, *Ibid.*, p. 11).

Tzvetan Todorov (2009), ao buscar respostas para o que pode a literatura, aponta que ela pode muito. “Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (Todorov, 2009, p. 76). Para defendê-lo, inicialmente, o autor se dirige para como a literatura salvou John Stuart Mill, filósofo britânico, de um quadro de depressão ao possibilitar a contemplação da vida a partir do poema. Há, aqui, talvez, uma relação de localização espúria, visto que a literatura, por ela mesma, não é capaz de salvar

³ O Chthuluceno não nomeia o mesmo objeto que o Antropoceno e o Capitaloceno, conceitos aos quais nos dedicaremos no primeiro capítulo deste trabalho. De modo breve, enquanto estes dois dizem respeito à marca deixada pelo ser humano (suas tecnologias e o Capitalismo) na biosfera terrestre, o primeiro manifesta uma proposta de cultivar uma nova forma de habitar o mundo, mais responsiva e mais responsável.

ninguém. A potência está no humano, a literatura agencia e é agenciada pelo encontro – entre o eu e o eu, o eu e o meu desejo, o eu e o outro, o eu e o desejo do outro; pelo resgate na lembrança e pela movimentação de sentidos a partir dele, para que, somente então, seja possível conceber o estabelecimento de práticas reparadoras.

À literatura se recorre para muita coisa. Para buscar o amor; outros modos de dizer; para sabê-lo possível. Para buscar respostas, ou, antes, aprender perguntas, e outras formas de leitura. À literatura se recorre para muita *coisa*⁴. Aqui, tentamos pensar o hoje, antes do amanhã. É preciso ousar inventar o presente, descobri-lo, e apostar nele novamente. E para tanto, hoje, recorreremos à literatura. Neste trabalho, passaremos por algumas formas de contar histórias – relatórios científicos, artigos acadêmicos, ensaios filosóficos – até nos determos, enfim, no romance. Em conjunto com a forma e o conteúdo de *A extinção das abelhas*, obra de Natalia Borges Polessa, pensaremos a configuração socioeconômica e política do Brasil contemporâneo, bem como de que formas se pode pensar a sua reinvenção.

⁴ Inclusive para nada.

Capitaloceno e Colapsômetro

Eu poderia tentar começar a te explicar sobre o encerramento das zonas e o colapsômetro, se é que tu não sabe disso, poderia te contar como a gente chegou aqui. Mas eu tô muito cansada.

(Natalia Borges Polessa)

Há diversas formas de contar histórias. E há várias maneiras de iniciá-las.

Quadro 1 - Cronologia de José Eli da Veiga sobre o Antropoceno

Anos atrás (em 2019)

13,8 bilhões	<i>Big Bang.</i>
4,6 bilhões	Formação do sistema solar.
4,5 bilhões	Formação do planeta Terra.
3,8 bilhões	Surgimento dos organismos.
3,5 bilhões	Início da fotossíntese.
400 milhões	Vida começa a se tornar terrestre.
230 milhões	Primeiros dinossauros.
65 milhões	Extinção dos dinossauros.
6 milhões	Último ancestral comum de humanos e chimpanzés.
2,588 milhões	Início do Pleistoceno, primeira Época do Quaternário.
2,5 milhões	Início do Paleolítico e evolução do gênero <i>Homo</i> na África.
2 milhões	Espécies humanas se espalham pela Eurásia.
800 mil	Uso do fogo pelo <i>Homo erectus</i> .
500 mil	<i>Homo neanderthalensis</i> na Europa e no Oriente Médio.
200 mil	<i>Homo sapiens</i> na África Ocidental.
100 mil	Generalização do uso controlado do fogo.
70 mil	Espalhamento geográfico dos <i>Sapiens</i> .

45 mil	<i>Sapiens</i> povoam a Austrália extinguindo megafauna.
30 mil	Extinção dos <i>Neanderthalensis</i> .
16 mil	<i>Sapiens</i> povoam a América extinguindo megafauna.
13 mil	<i>Sapiens</i> torna-se a única espécie humana.
11,7 mil	Início do Holoceno.
11,5 mil	Surgimento da agricultura e transição ao Neolítico.
6 mil	Transição da Pré-História à Antiguidade.
5 mil	Reinos, escritas, dinheiro, religiões politeístas.
4,2 mil	Início do Império Acádio.
2,5 mil	Moeda, Império Persa, budismo.
2 mil	Império Han na China, Império Romano no Mediterrâneo, cristianismo.
1,4 mil	Transição da Antiguidade à Idade Média, islamismo.
568	Transição da Idade Média à Idade Moderna.
500	Ascensão do "capitalismo" (Braudel), ciência.
234	Transição da Idade Moderna à Idade Contemporânea.
200	Ascensão do "capitalismo" (Marx), indústria.
77	Primeira explosão nuclear.
73	Início da "Grande Aceleração"

Fonte: Veiga, 2023

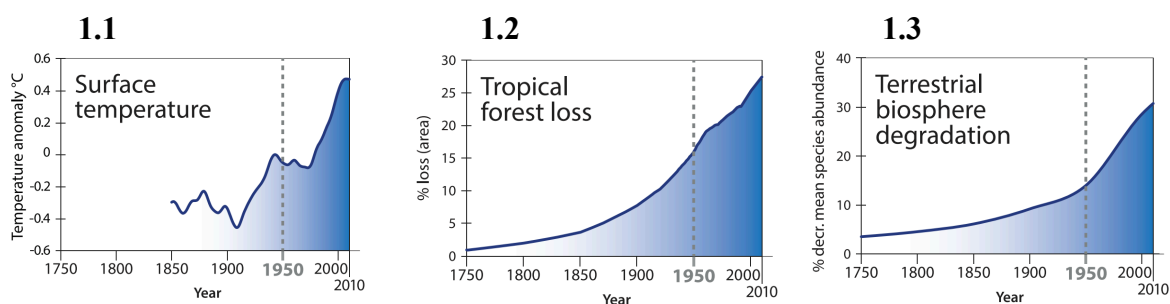
José Eli da Veiga, em referência ao quadro exposto acima, confessa que “não parece, mas cronologias são bichos de sete cabeças” (Veiga, 2023, p. 11). E são mesmo. Do leitor atento ao noticiários de política ao ouvinte distraído de *podcasts* socioambientais, do comerciante com quem se comenta sobre a economia à cobradora de ônibus compelida a escutar conversas de todo o gênero, da professora universitária ministrando disciplinas de tópicos atuais ao desconhecido no elevador reclamando sobre o tempo e o calor; há uma miríade de agentes que poderia traçar a continuidade da cronologia de Veiga, da Grande Aceleração ao fim do mundo. Isto porque os indícios do colapso vazam para todos os lugares, o fluxo de dados emparelhado ao de notificações inunda toda a gente.

Entretanto, suas tentativas esbarrariam em dois obstáculos incontornáveis, a saber: (1) o excesso de dossiês que delineiam uma conjuntura escatológica para o planeta, dificultando, por conseguinte, a compreensão precisa do que seriam pontos de não retorno a partir de 1950; e (2) a não linearidade das respostas do Sistema Terra ao aumento e ao acúmulo de perturbações antropogênicas (Luiz Marques, 2023), de outra forma, a dinâmica de evolução dessas categorias está submetida a uma lógica de crescimento exponencial, o que dificulta nossa apreensão sobre a magnitude do risco e, portanto, o exercício de hierarquização destes assuntos. Ainda assim, há um esforço contínuo para tracejar este mapeamento, na medida em que, conforme aponta Bruno Latour (2020), a descrição acarreta a prescrição. Em outros termos, existem poucos enunciados estritamente constativos, a maioria deles é também performativa, ou seja, visa a provocar uma reação no receptor. Descrevemos, então, para mobilizar. E quando a escrita parece inacessível, ilustramos, desenhamos.

Neste sentido, há, para este intento, a cuidadosa pesquisa de Will Steffen, Wendy Broadgate, Lisa Deutsch, Owen Gaffney e Cornelia Ludwig, quem atualizaram, em 2015, os gráficos emblemáticos da Grande Aceleração publicados pelo Programa Internacional da Geosfera-Biosfera (IGBP) em 2005. Seus dados apresentam indicadores do Sistema Terrestre (a composição atmosférica, o ozônio estratosférico, o sistema climático, os ciclos da água e do nitrogênio, os ecossistemas marinhos, as florestas tropicais e a degradação da biosfera terrestre) e indicadores socioeconômicos (a população global, o crescimento econômico, a urbanização, a globalização, os transportes e as comunicações). Ambos relativos à ação do humano – e sobretudo do sistema socioeconômico em que ele se organiza – no mundo.

Isto posto, apresentamos abaixo, para materializar ao menos parcialmente uma visualidade do que é a Grande Aceleração, um recorte⁵ com alguns dos gráficos de suas pesquisas, aos quais retornaremos adiante, em outros momentos da discussão.

Conjunto de Gráficos 1 - Índices do Sistema Terra



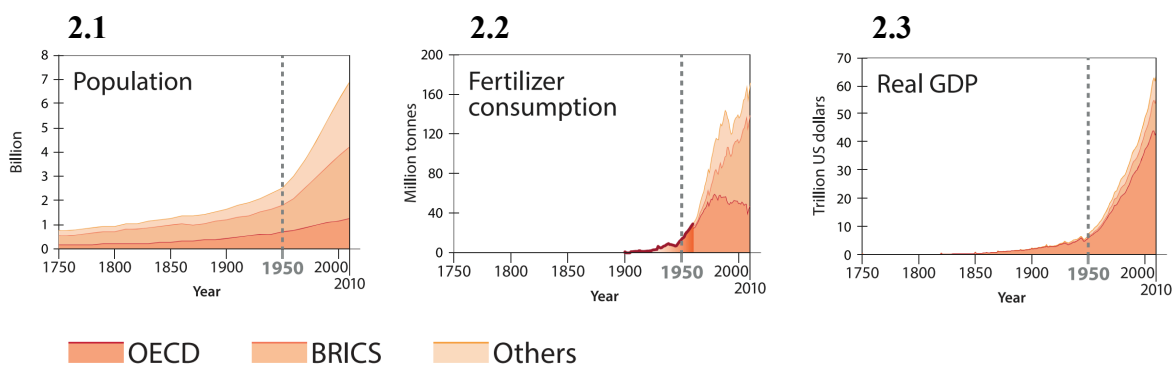
⁵ Os demais gráficos, bem como suas elucidaciones, estão disponíveis no artigo original acessado em: https://www.bpb.de/system/files/dokument_pdf/Steffen2015TheTrajectoryoftheAnthropoceneTheGreatAcceleration.pdf

Fonte: Steffen et al., 2015

No Conjunto de Gráficos 1, observam-se, em **1.1**, o índice de aquecimento da temperatura global, conforme combinação de observações sobre a terra e o oceano, de 1961 a 1990; em **1.2**, o índice de perda das florestas tropicais perenes e caducifólias; e em **1.3**, a diminuição percentual na abundância média de espécies terrestres em relação à abundância em ecossistemas não perturbados como uma forma de aproximação para o índice de degradação da biosfera terrestre (Steffen *et al.*, 2015, p. 7, tradução nossa).

Desta forma, a partir dos indicadores examinados, chama-se atenção para a tendência unificada de ascensão de seus índices, o que corrobora a aceção de que a Grande Aceleração é o marco mais aceitável para o início do Antropoceno, visto que propicia “uma visão dinâmica do acoplamento emergente à escala planetária, através da globalização, entre o sistema socioeconômico e o sistema biofísico da Terra” (Steffen *et al.*, 2015, p. 14, tradução nossa). Cinco anos após a publicação desta pesquisa, em novo artigo, Steffen *et al.* reafirmam como estes dados “demonstraram que a rápida saída do Sistema Terra do Holoceno esteve diretamente relacionada ao crescimento explosivo da atividade humana a partir da segunda metade do século XX” (Steffen *et al.*, 2020, p. 17 tradução nossa). Trata-se, portanto, de uma indissociabilidade entre os dois sistemas, uma relação ecológica bastante desarmônica.

Conjunto de Gráficos 2 - Índices Socioeconômicos



Fonte: Steffen et al., 2015

Em **2.1**, observam-se o índice de crescimento da população global, conforme os dados de 2013 da base de dados HYDE (*History Database of the Global Environment*); em **2.2**, o índice do consumo global de fertilizantes, de acordo com dados da *International Fertilizer Industry Association* (IFA); e em **2.3** o PIB (Produto Interno Bruto) real global em dólares americanos até o ano de 2010. Neste segundo grupo, é possível perceber uma atualização central para suas pesquisas, qual seja, a reorganização dos gráficos a partir de três grupos distintos de países, denominados países ricos (*OECD*, em português, OCDE, Organização

para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que envolve países como Estados Unidos da América, França, Alemanha, entre outros), países de economias emergentes (BRICS, no qual se inscrevem o Brasil, a Rússia, a Índia, a China, a África do Sul e outros), e os restantes (*Others*, em português, outros).

A partir da diferenciação nestes gráficos, pode-se, por exemplo, analisar a iniquidade nas pressões exercidas por diferentes conjuntos de países no Sistema Terrestre. Os autores informam que “a maior parte do crescimento populacional desde 1950 ocorreu no mundo não-OCDE, mas a economia mundial (PIB), e portanto o consumo, ainda é fortemente dominado pelo mundo OCDE” (Steffen *et al.*, 2015, p. 11, tradução nossa), o que diz respeito a uma marca contundente da desigualdade socioeconômica a nível global. Ainda, pontuam que há políticas nos países OCDE que regulam o uso de agrotóxicos⁶ e que, portanto, estabilizam o uso em suas nações, ao passo que, em países não-OCDE, este uso apenas aumenta.

Isto posto, nos deparamos, no primeiro grupo de gráficos, com uma vitrine do que seria o Antropoceno, na medida em que ele possibilita a observação da crescente influência das atividades humanas na biogeoquímica terrestre, de modo a perceber que a espécie humana tem operado como uma força geológica propulsora do colapso ambiental. Por sua vez, o segundo conjunto de dados demonstra como “a Grande Aceleração tem sido, até muito recentemente, quase inteiramente impulsionada por uma pequena fração da população humana, a dos países ricos” (Steffen *et al.*, 2015, p. 11, tradução nossa). Isso nos permite sublinhar no sistema socioeconômico e político em que os humanos se organizam o cerne dessas transformações, o que corrobora a produtividade do termo cunhado por Jason Moore (2016), Capitaloceno.

O Capitaloceno enfoca como as práticas econômicas, particularmente aquelas agenciadas pelo capitalismo, exacerbam e aceleram os impactos negativos sobre o meio ambiente, explorando recursos de maneira desenfreada e hierarquizando as relações entre seres humanos e entre humanos e outros viventes. Nesse sentido, esse intercâmbio de termos permite reforçar o peso do modo de produção capitalista nos impactos da espécie humana no Sistema Terrestre. Cabe ressaltar, entretanto, que a discussão do nome, conforme observa Veiga (2023, p. 164-165), entrou num impasse em função da coexistência de várias concepções sobre o próprio capitalismo e de outras discordâncias entre os pesquisadores da

⁶ A essas políticas Larissa Bombardi (2023) nomeia Colonialismo Químico. Isto é, exploração, por países europeus, de países produtores de *commodities* agrícolas, conjugada ao uso massificado de agrotóxicos potencialmente prejudiciais à saúde, tanto do trabalhador rural quanto do consumidor do produto final.

área – especialmente entre Jason Moore e a dupla Malm-Hornborg. A despeito disso, optamos por Capitaloceno como referência à Época.

Tendo em vista, entre outras pautas, a emergência climática; o uso abusivo de recursos hídricos; o consumo de combustíveis fósseis; a acidificação dos oceanos; a expansão do agronegócio a partir de desmatamentos e queimadas ilegais e a sua manutenção pelo uso de agrotóxicos cancerígenos em potencial; os níveis alarmantes de desigualdade social; o adoecimento físico e psíquico humano e o genocídio da população humana regulado pela necropolítica, bem como o extermínio de diversas outras espécies, não é difícil entender a perpetração de posicionamentos fatalistas acerca de nossa conjuntura.

Luiz Marques, por exemplo, mapeou alguns “pontos de não retorno em direção a estados de equilíbrio mais hostis às sociedades humanas e à vida em geral na Terra” (Marques, 2023, p. 20) nos últimos 6 meses, no Brasil, a contar de fevereiro de 2023. Entre eles, citam-se o genocídio dos povos Yanomami; o aumento devastador da taxas de desmatamento e degradação da Amazônia; a destruição, exponencialmente desenfreada durante o governo de Jair Bolsonaro, dos biomas brasileiros pelo agronegócio, com seus pesticidas, incêndios criminosos, garimpo e mineração ilegais. Em adição a isto, o autor declara “Tenhamos a honestidade de dizê-lo sem rodeios: nossas opções são entre um futuro pior e um futuro terminal” (Marques, 2023, p. 38-39).

Na mesma medida, Bruno Latour (2020) expressa:

O que quer que façamos hoje, a ameaça permanecerá conosco por séculos, milênios, porque a alternância de tantas ações irreversíveis, cometidas por humanos, foi retomada pelo aquecimento inercial do mar, pelas mudanças no albedo polar, pela acidez crescente dos oceanos, e que não se trata de reformas progressivas, mas sim de mudanças catastróficas, uma vez que foram atravessados [...] os pontos de inflexão. (Latour, 2020, p. 43)

À semelhança de Regina, personagem que acompanhamos em *A extinção das Abelhas*, estamos cansados. É cansativo observar a infiltração do negacionismo científico no pensamento político e popular brasileiro, a resistência obstinada à mudança no sistema capitalista, a apatia diante da urgência climática, a inércia diante da perda de biodiversidade no planeta, as narrativas de consumo desenfreado que ignoram seu custo ambiental. Nos cansamos da erosão de políticas de sustentabilidade e da prevalência de interesses econômicos de curto prazo sobre o bem-estar ambiental e social de longo prazo. Mas, junto com Donna Haraway, pensamos que “o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios” (Haraway, 2016, p. 140).

Em verdade, a citação de Luiz Marques continua desta forma:

Um futuro pior é agora inevitável, mas ações políticas imediatas para atenuar a piora redundarão em possibilidades crescentes de reversão de tendências, de atenuação dos impactos, de adaptação e, portanto, de sobrevivência. Se conseguirmos entender isso e agir coletivamente em sintonia com esse entendimento, um futuro melhor pode se descortinar para nós e para a vida no planeta no outro lado desse gargalo. Teremos aprendido com o erro, e há uma chance ainda considerável de que isso ocorra porque somos uma espécie com uma singular capacidade de aprendizado (Marques, 2023, p. 38-39).

A isso se acresce o pensamento de Donald Worster, para quem:

A ciência natural, por si só, não consegue compreender as fontes da crise que identificou, pois as fontes não estão na natureza que os cientistas estudam, mas na natureza humana e, especialmente, na cultura humana que historiadores e outros humanistas escolheram como seu campo de estudo. Estamos enfrentando uma crise global hoje, não em função de como os ecossistemas funcionam, mas sim em função de como nossos sistemas éticos funcionam. Superar a crise exige compreender nosso impacto na natureza da forma mais precisa possível, mas, mais ainda, exige compreender esses sistemas éticos e usar essa compreensão para reformá-los. Historiadores, juntamente com estudiosos da literatura, antropólogos e filósofos, não podem realizar a reforma, é claro, mas podem contribuir para essa compreensão (Worster, 1994, p. 27).

No início desta seção, nos esforçamos para tracejar um mapeamento de alguns dos impactos da ação humana regida pela lógica do Capital no mundo. Além disso, lembramos que, conforme aponta Bruno Latour (2020), que mesmo os enunciados que parecem constataativos visam gerar uma resposta em quem os lê. Nesse sentido, descrevemos para mobilizar. E quando a escrita parece inacessível, ilustramos, desenhamos. Ou lemos outra coisa.

Leiamos, então, Literatura.

Virginia Leal (2020), acerca da contribuição para os discernimentos supracitados, comentar definições de Maingueneau (1995) para lembrar que:

Não se deve perder de vista que ‘a literatura não é apenas um meio que a consciência tomaria emprestado para se exprimir, é também um ato que implica instituições, define um regime enunciativo e papéis específicos dentro de uma sociedade’ (Maingueneau 1995: 7). Tal definição de literatura considera as obras literárias não como uma simples representação de um contexto externo. Para ele, elas ‘falam efetivamente do mundo, mas sua enunciação é parte integrante do mundo que pretensamente representam’. Ao ‘representarem’ o mundo, os autores e autoras estão também o recriando continuamente. Trata-se, enfim, de uma resistência epistemológica centrada em um olhar sobre as expressões da diversidade na literatura brasileira contemporânea, a buscar a possibilidade de interferência na hegemonia de imagens continuamente repetidas (Leal, 2020, p. 14)

Nesse sentido, Regina Zilberman aponta que os poetas se apropriam da história, convertendo-a em assunto de seus versos (2012, p. 232). Pensar sobre esta asserção implica questionar a relação entre literatura e história, sua dinâmica, suas funções e desdobramentos. Neste sentido, Hermenegildo Bastos (2016, p. 39) analisa a contraposição de Aristóteles acerca da história “como narrativa do que aconteceu” frente à poesia “como narrativa do que

pode acontecer” e, assim, aponta para o que Lukács aborda como visão dialética entre história e poesia. Isto é, a dinâmica de presença, complementaridade, contradição e co-construção entre os dois elementos, de modo que a poesia se inscreve na processualidade temporal da ação humana, transformando-a, agindo sobre a história na medida em que a própria história a inspira e a edifica.

Falemos, então, de Literatura.

A extinção das abelhas

Natalia Borges Polesso, nascida em Bento Gonçalves, no Rio Grande de Sul, é doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, instituição na qual, atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado. Em 2016, venceu o Prêmio Jabuti de Contos e Crônicas com o livro de contos *Amora* e, em 2021, o Prêmio Jabuti de Romance de Entretenimento com o livro *Corpos Secos*, escrito em conjunto com Luisa Geisler, Marcelo Ferroni e Samir Machado de Machado. Em 2022, *A extinção das abelhas* foi indicado ao Prêmio Jabuti de Romance Literário. Publicado pela Companhia das Letras, a obra é dividida em três partes, com uma seção intitulada *Vão* entre a segunda parte e a terceira. No site da editora, lê-se, em sua apresentação, “A extinção das abelhas é uma exploração profunda sobre a solidão. Uma história brutal sobre uma mulher, um gato e um mundo em colapso” (Companhia das Letras, 2021). Esta descrição encapsula a essência da ambientação do romance, que mergulha no agravamento do colapso social e ambiental do Brasil.

A narrativa ocorre principalmente em Santiago, município do Rio Grande do Sul, onde a implementação de dispositivos de segurança privada é um reflexo das disparidades socioeconômicas que permeiam o livro. Isto porque enquanto as classes altas se isolam em condomínios autossuficientes vigiados por empresas de segurança privada, a população pobre luta por recursos básicos, se reveza nas guaritas, confinadas em áreas marcadas pelo aumento da taxa de desemprego, pela violência urbana e pela perseguição da comunidade LGBTQIAPN+, bem como de migrantes e de refugiados.

Além disso, o romance aborda questões ambientais prementes, com destaque para a crise ecológica simbolizada pela extinção das abelhas, resultado direto do uso descontrolado de agrotóxicos pelo agronegócio. A fim de instituir uma “medida de proteção e segurança planetária” (Polesso, 2021, p. 25), apresenta-se, na primeira parte do livro, um aplicativo nomeado “Colapsômetro”. A partir dele, é possível rastrear variáveis como dívidas regionais, taxas de desemprego e de pobreza, e, notavelmente, a taxa de extinção das abelhas. De modo similar ao *Doomsday Clock*⁷ que conhecemos, o dispositivo é um catalisador de reflexões sobre desafios sociais e políticos, criticando uma sociedade que prioriza o lucro e a segregação em detrimento da justiça social e ambiental.

Regina, protagonista de *A extinção das abelhas*, é uma mulher brasileira de 40 anos, lésbica, gorda e diabética. Enfrentando a realidade de uma sociedade pós-pandêmica, mora sozinha e está desempregada, o que propulsiona, junto à elaboração de seus traumas, o início de seu trabalho como *camgirl* na internet. A personagem é atravessada por muita melancolia,

⁷ Checar <https://thebulletin.org/doomsday-clock/>.

advinda de múltiplas experiências de abandono – sua mãe partiu com o circo, seu pai morreu, sua namorada, afetivamente distante, muda-se para outra cidade, e sua melhor amiga, a quem considera sua irmã mais nova, viaja para iniciar um mestrado em Londres. E é a partir desse tom que, na primeira parte, acompanhamos a passagem de Regina pela falência do Brasil.

Assim, na primeira parte, a brevidade dos parágrafos, bem como o recurso de encadeamento dos capítulos, cujos títulos são a última palavra da seção anterior, cria um ritmo que dificulta a interrupção da leitura. Há, na segunda parte, uma ruptura genérica que se apresenta como uma bricolagem de poemas, contagens de animais em extinção, trechos de reportagens científicas, tautologias sobre a natureza e narrações ficcionais e opera como um prelúdio formal para a seção subsequente. Em contraste com a primeira parte, esta seção costura, de modo sutil, um panorama de fim de mundo em termos de forma e conteúdo. Este mosaico de gêneros revela a miríade de topografias pelas quais o mundo pode encontrar seu término. O que efetivamente ocorre ao final da segunda parte.

A seção *Vão*, com conotações duplas relacionadas ao verbo "ir" e ao conceito de limbo, oferece uma reinterpretação poética da narrativa da criação do mundo. Nesta seção, a ênfase recai sobre a palavra como elemento primordial. Por fim, na terceira parte, destaca-se a sobrevivência de Regina diante do colapso, que é possível graças à sua inclusão em um grupo de mulheres que a resgata e lhe proporciona esperança em relação ao presente.

Análise da obra

Ouve o fim dos mundos. É nada. O gosto é de metal queimado, de tártaro. Óleo rançoso. Ouve o fim. É nada. Ouve da tua jaula, do teu contêiner. Ouve quieto de dentro do bote. Ouve ao tentar se mover. Nem zunido distante. Ouve, que é no corpo da velha que todas as manhãs já está sentada, que já recolheu todo o papel, o plástico, o pano destratado que ninguém mais quis e que ela usa como lenço ou lençol, a depender da ocasião. Ouve que é ali. No que sobra. Ali está a resposta.

(Natalia Borges Polessa)

O zumbido do voo de uma abelha varia em função do tamanho de seu corpo, do tamanho de suas asas e de quantas vezes suas asas batem por segundo. Os estudos em bioacústica permitem reconhecer, de forma automatizada, diferentes espécies de abelhas; distinguir colônias saudáveis de colônias pouco saudáveis; descobrir a ausência de uma rainha sem quebrar a colmeia; saber sobre a presença de parasitas e identificar enxameamentos em uma colônia. Tudo pelo zumbido das abelhas⁸. Além disso, há o *buzz*, que, diferente do zumbido, é o som resultante da polinização vibratória, um mecanismo no qual algumas espécies de abelhas vibram seus tórax para liberar o pólen das flores⁹.

Frente a um enxame, há quem se sinta profundamente atordoado; confuso; desconfortável, e há quem, a despeito disso, ainda pense nas diferentes espécies de abelhas, na saúde das colônias, na ausência da rainha, na presença de parasitas, nos enxameamentos e na polinização das flores. De forma análoga, o leitor de *A extinção das abelhas* se depara, na primeira parte da obra, com um adensamento de pautas sociais, políticas, econômicas e ambientais, orquestradas por uma gama vária de instrumentos formais e estilísticos, cujo resultado é uma experiência literária que, para alguns, pode soar excessiva.

⁸ Checar Arvelos (2021), disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31978> e Rodrigues *et al.* (2022), disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wcama/article/view/20692>.

⁹ Checar Nunes-Silva *et al.* (2010), disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/oa/article/view/8090/6549>.

Natalia Borges Polezzo estrutura sua ficção a partir de um roteiro que explora a realidade brasileira sob a perspectiva do Capitaloceno, isto é, a autora esmiúça como as dinâmicas do capitalismo moldam a vida, a cultura e a ambiência brasileira, oferecendo um panorama crítico acerca daquilo que se nomeia contemporaneidade em nosso país. Na mesma medida em que a bioacústica decifra o universo sonoro das abelhas para reconhecer padrões e desequilíbrios nas colmeias, nos serviremos da análise literária para destacar, na concentração de múltiplos temas da Primeira Parte, alguns dos signos que comunicam o estado de urgência no Brasil.

Para tanto, com vistas a desdobrar o conteúdo programático do livro, delimitamos três tomos a partir dos quais guiaremos nossa análise. O primeiro aborda a incorporação na obra de elementos representativos da realidade imediata do Brasil contemporâneo, transpondo fatos e acontecimentos nacionais à narrativa a partir de uma aderência estreita à nossa realidade. O segundo aponta para a construção de algumas personagens como signos que condensam aspectos do Capitaloceno, assim, focaremos nos efeitos que elas imprimem na obra. Por fim, olharemos para o roteiro de Polezzo como um programa que aponta para uma possibilidade de ressurgimento, mas de modo crítico, que não posterga a ação para o amanhã, ao contrário, reclama-na para a invenção do presente.

Tomo 1: Simulacro

Em *O direito à Literatura*, Antonio Candido aponta a literatura como um bem incompreensível, “uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (Candido, 2011, p. 177). A literatura configuraria-se como um direito inalienável por propiciar a integridade e a dignidade do ser humano, na medida em que recai em sua potência a gestão de processos reflexivos críticos, o impulso à autonomia, a sensibilização ao saber, às emoções e ao outro.

Assimilada a indissociabilidade entre as esferas social e literária, o autor se dedica a compreender como os temas da primeira compunham a segunda por meio do conteúdo, mas também da forma. Dessa maneira, em *O discurso e a cidade*, Candido apresenta o conceito que nomeia “redução estrutural” como “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (Candido, 2015, p. 9). Em outros termos, trata-se de um recurso que transpõe para a forma literária a realidade do mundo e dos seres.

Neste sentido, compreendemos o primeiro momento da obra como uma redução estrutural da habitação do humano na terra, de modo a refletir – como quem espelha, mas também como quem delibera – sobre as configurações nas quais essa vivência é estabelecida. Isto é, sobre as relações hierárquicas que regem a coabitação entre humanos; a violência colonial e as suas atualizações, com as subsequentes violações de direitos de grupos minorizados e as suas exclusões dos dispositivos sociais de democracia; entre outras. Aqui, a literatura aparece como um meio de retirada dos panos quentes colocados sobre a catástrofe, escancaram-se as feridas, reinflama-nas.

Desse modo, no decorrer da narrativa, nota-se a apresentação de trechos programáticos; marcadores narrativos calcados na realidade, indicadores do Capitaloceno que reafirmam nossa experiência de colapso. Mais que verossímeis, muitas vezes essas passagens são literais, conformam-se como uma reprodução pouco ficcionalizada da realidade que conhecemos. A incorporação de elementos diretos da nossa realidade pela obra catalisa uma experiência de leitura imersa na contemporaneidade, de modo a estimular, a partir de elementos familiares ao leitor, a reflexão e o incômodo acerca de pautas comuns ao nosso cotidiano.

Dentre as passagens que instigaram essas observações, citam-se aquelas que ocorrem na narração de um jantar em família, as quais recuperam o ressentimento entre familiares no contexto pós-eleitoral de 2018, a especulação em torno da candidatura de um presidente aos moldes de Luciano Huck e gestos como as simbólicas “arminhas” feitas com os dedos. A isso se pode observar, respectivamente, em:

(...) nos últimos anos, especialmente depois das eleições catastróficas, um ressentimento silencioso tinha se instalado naquela mesa, nas paredes da casa, no ar. Um osso entalado na goela (Polesso, 2021, p. 40)

Eu não conseguia olhar pra ele sem pensar que estávamos num grande programa de auditório, competindo por melhorias pequenas e pessoais. Primeiro teríamos que pular de paraquedas, depois, correr na lama, catar lixo numa praia, pegar uma bicicleta e pedalar até os confins do Judas, acertar vinte perguntas aleatórias, para só então, com música de suspense e uma breve e constrangedora história de superação que eles inventariam pra ti, ter a chance de apertar um botão, chutar uma bola com os olhos vendados em cima de uma gangorra e acertar um palito de dente que poderia ou não dar o direito de melhorar algum aspecto da tua vida de merda. O fato é que era melhor ter aquele apresentador de televisão como presidente do que o presidente anterior. Eu nunca pensei que fosse ficar feliz com uma coisa dessas. Eu nem pensava muito nisso, porque me dava um nó (Polesso, 2021, p. 41)

Não tinham feito arminha de dedo na nossa cara ainda, mas com certeza já tinham atirado pelas costas (Polesso, 2021, p. 43)

Esses fragmentos apresentam elementos comuns à realidade de muitos brasileiros, de modo que, como mencionado anteriormente, potencializa-se a imersão na leitura a partir do senso de familiaridade e de reconhecimento.

Para além disso, em um mundo onde predominam os desertos alimentares, em que não há mais laranjas nas vendas do bairro, em que as frutas não possuem mais sementes e em que o café virou um item de luxo, a autora delinea outras passagens com as quais é fácil se identificar:

Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda a cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle”, que havia “outros meios” e que a função da tecnologia era “superar a natureza” e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização (Polessso, 2021, p. 17-18).

— Não conseguem enxergar nem o lado prático das Humanas, o que dizer do nosso trabalho simbólico? Só tem que fazer prédio e ponte. E vender serviços.

— Mas e o desejo de atravessar a ponte? Eles vão tirar da onde?

— Sei lá se eles sabem o que é atravessar. Não sei se é só culpa deles ou desse mundo que a gente não consegue mudar.

— Acho que os dois.

— Eu nunca imaginei que presenciaria o ocaso da humanidade, Regina (Polessso, 2021, p. 28).

Bossa nova. Assepsia. Corredores bem iluminados. Era o paraíso. Ali não existia colapsômetro, apenas abundância. Mas custava caro (Polessso, 2021, p. 111).

Ficou sabendo das “zonas livres de imigrantes”, das “zonas livres de gays” e dos campos de refugiados?

— Aqueles que não tinham condições sanitárias ou o que as pessoas tinham que andar sempre identificadas?

— Os dois. (Polessso, 2021, p. 76)

No primeiro trecho, ilustra-se a perigosa desconexão entre gestão ambiental e a realidade ecológica, a partir da qual decisões políticas e corporativas, baseadas em uma lógica de exploração, exacerbam a crise ecológica e alimentar, negligenciando a saúde do ecossistema em favor de ganhos imediatos. O segundo trecho aborda a desvalorização das ciências humanas e das artes, em função da valorização excessiva do pragmatismo e da materialidade, prática comum ao pensamento neoliberal, no qual o valor é frequentemente medido em termos de utilidade tangível e de lucro. Já o terceiro trecho, situado num supermercado de um condomínio privativo, simboliza um refúgio do colapso ambiental, criando uma ilusão de isolamento e segurança que é apenas acessível a uma elite econômica, enquanto a maioria da população enfrenta as consequências diretas desse colapso.

Por fim, o quarto trecho ecoa práticas históricas de discriminação institucionalizada, de modo a exacerbar a desigualdade e a segregação, não apenas em termos de recursos e de

espaço, mas também em relação a direitos humanos básicos. A crise dos refugiados, em particular, está frequentemente ligada a desastres ambientais e a conflitos armados, os quais, por sua vez, são potencializados por práticas capitalistas predatórias. Esta relação demonstra a interconexão entre a degradação ambiental e as crises humanitárias, na qual a marginalização e a exploração de grupos vulneráveis retroalimenta um modelo de produção insustentável.

Deste modo, a representação de espaços segregados e utópicos, distanciados das realidades de colapso ambiental, bem como a reflexão sobre as práticas xenofóbicas, homofóbicas e a crise dos refugiados ilustram como a obra manifesta uma crítica à lógica neoliberal e às estruturas de poder que exacerbam, ou antes, criam e mantêm as crises ecológicas e sociais. A isso, nos ateremos no próximo tomo.

Tomo 2: Signos

Na costura dos elementos expostos acima, Polesso explora a formação de personagens simbólicas, por vezes caricaturais, que decantam alguns aspectos determinantes do Capitaloceno. Focaremos, aqui, na figura de Denise e Eugênia.

Ainda naquele jantar, citado no início do Tomo 1, apresenta-se outra marca do Brasil contemporâneo, a qual é rememorada em outros momentos do livro, o negacionismo científico.

— Esse negócio das abelhas, eu acho que é mentira, porque a *Agrotech* já se manifestou, dizendo que não vai faltar nada, que é tudo mentira, que não tem como acabar as abelhas.

— Já tá faltando. Não é mentira. Faz anos que elas estão morrendo. Lembra de 2018? Tão morrendo principalmente por causa dos agrotóxicos e das políticas da *Agrotech*. E podem se preparar que vai faltar mais coisa — eu disse antes de dar uma garfada na lasanha.

— Não tá faltando nada. Olha essa mesa na frente de vocês! Vocês não exageram? Deus castiga tanta ingratidão. Frango, lasanha, arroz, salada de batata, berinjela grelhada, toda aquela comida tinha que ter um propósito (Polesso, 2021, p. 43)

O diálogo acima envolve Regina, Denise e Eugênia. Regina é uma mulher de 40 anos, lésbica, gorda e diabética, como apontado anteriormente. Suas experiências de vida são marcadas por uma série de abandonos: a partida de sua mãe com um circo, a morte do pai, o afastamento emocional de sua namorada e a partida de sua melhor amiga para o exterior. Denise e Eugênia são casadas, donas de uma empresa de cosméticos e têm uma filha chamada Aline, que é a melhor amiga de Regina. Depois da fuga da mãe e da morte do pai de Regina, acolheram-na como parte da família. Entretanto, Regina confessa não conseguir sentir gratidão e, por vezes, demonstra indiferença em relação às duas. Isto porque, ainda que tentem lhe ajudar com afeto e dinheiro, elas são representações do neoliberalismo e da meritocracia, e condensam em si as contradições inerentes a essa ideologia no contexto do

Capitaloceno. E essa ideologia persegue pessoas com os mesmos marcadores sociais que Regina.

Nas passagens a seguir, destacam-se não apenas as ausências de consciência de classe por parte do casal, mas também a alienação entre sua mentalidade empresarial e as consequências mais amplas da crise socioambiental. Assim, Polesso oferece uma visualidade incisiva do neoliberalismo no Brasil, apontando para as narrativas de sucesso individual e explorando suas implicações.

— Tu comprou mel pra pôr nos cremes?
 — Claro! É o nosso carro-chefe! Somos a Apis Melífera Cosméticos. E vem mais novidades, porque vamos começar a trabalhar com o veneno também.
 — Dizem que é o botox natural! O cosmético das princesas.
 — Não tem mais abelha e tu acha que as pessoas vão querer passar mel e veneno na cara?
 — Regina, tu não entende nada de business, minha filha. Se o produto tem mel, então tem abelha. Se o produto tem mel, se precisamos usar as abelhas, então quer dizer que nós cuidamos delas. E nós cuidamos (Polesso, 2021, p. 42)

— Tudo é dinheiro, sim. E oportunidade! A vida é um bufê, quer alguma coisa? Vai lá e pega! Levanta a bunda e pega! Não dá pra ficar esperando alguém te servir, entende? A tua geração ficou mal-acostumada, filha, com tanta abundância à disposição. Eu e a Denise tivemos que lutar muito pra chegar aqui, nada nos foi dado de mão beijada (Polesso, 2021, p. 43)

A Denise e a Eugênia são aquelas que dizem que crise serve pra criar, para sermos criativos. As pessoas tão morrendo. Não tem mais comida no mercado. Não tem mais abelha e a gente é que vai ter que pagar essa multa embutida na conta de luz. Tu viu? E tu sabe qual foi a preocupação da Denise? Comprar mel antes que falte. Pra pôr em cosmético (Polesso, 2021, p. 97)

Tomo 3: Sonhar

O livro se encerra com uma convocação ao luto dos sonhos:

Acho que esgotamos os sonhos, esses sonhos que aprendemos com o tempo, esses sonhos que herdamos, sonhos de porvir, que uns chamam de premonições. Acho que teremos que fazer o luto dos sonhos e aprender a dormir de novo, aprender a cansar um cansaço que não seja útil para dormir de novo e quem sabe sonhar de novo coisas inéditas (Polesso, 2021, p. 305)

O luto dos sonhos, à primeira leitura, soa como uma forma de decadentismo e conformidade. Ao contrário, como mencionamos na introdução deste texto, isso tem que ser parte de qualquer possibilidade de ressurgimento¹⁰. Talvez o luto dos sonhos que aprendemos com o tempo, aqueles inalcançáveis, que projetam um futuro utópico a partir de uma realidade que pouco se mobiliza para mudar, diga respeito à substituição desse imaginário pela presentificação da mudança no agora. Na acepção do luto como uma rememoração de lutos

¹⁰ Haraway, 2016, p. 69, tradução nossa.

anteriores, olhamos para essa passagem como um chamamento para a elaboração do trauma histórico brasileiro, que, mais do que processar nos registros da psique, implica agir na realidade para não permitir o seu retorno e para mitigar suas reverberações. Neste trabalho, recorreremos à literatura para nos lembrar de recorrermos a nós mesmos.

Durante a jornada de Regina, Paranoia, sua gata falecida, era vista por ela em momentos de angústia, tristeza e desespero. Assim, sua representação do amor e da dedicação (Polessio, 2021, p. 47) era uma moção fantasmática. Depois do fim do mundo, a solidão de Regina é povoada por um coletivo de mulheres que a resgatam dos escombros. Juntas, elas tecem novos laços afetivos, oferecem a Regina uma sensação de pertencimento e comunidade que propulsionam sua reconstrução e redescoberta.

Retornamos à noção de endossimbiose para lembrar que precisamos uns dos outros para construir um mundo possível e que *uns* e *outros* não são apenas humanos, mas todos os viventes com quem constituímos a vida no Sistema Terra. Além disso, essa necessidade não diz respeito à instrumentalização da alteridade, e sim, à habitação de um tornar-se-com para tornarmo-nos uns com os outros capazes, no cultivo de responsabilidades [*response-abilities*]¹¹.

Por fim, lembramos que o *buzz* é um som resultante da polinização vibratória, um eco da interação simbiótica entre as abelhas e as flores para a perpetuação da vida. A transferência do pólen implica movimento e atividade, além de, fundamentalmente, carregar a promessa de fertilidade e de renovação. Ao final da obra, o grupo de Regina adota uma nova gata a quem nomeia Mel. Aqui, congênere ao *buzz*, a apresentação da gata Mel vibra em um ato de polinização literária. Sua existência, ao corporizar a sobrevivência das abelhas, aponta para a possibilidade de renovação – na qual nós também apostamos.

¹¹ (Danowski *et al.*, p. 420-421)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função do escopo de nosso trabalho, muitos elementos do livro foram excluídos de nossa análise. Dentre as personagens, citam-se Lupe e dona Norma. Lupe, mãe de Regina, é um símbolo de autonomia, liberdade e desapego e tem história contada em capítulos intercalados à narração de Regina. Por sua vez, dona Norma é uma pessoa em situação de rua, que trabalha na cooperativa de reciclagem da cidade, e que condensa em si a representação da ausência de consciência de classe e do conservadorismo no Brasil; aos moldes de Denise e Eugênia, dona Norma adere à agenda neoliberal, entretanto, por ser pobre, é predada por ela.

Outro aspecto que demanda atenção na obra de Polesso é a seção intitulada *Vão* e sua proposta de estabelecer um novo Gênesis a partir da aposta na palavra. Desse modo, vê-se, na reescrita de uma cosmogonia bíblica, hegemônica e instrumentalmente colonizadora, elementos que reclamam sobre o estado das coisas e apontam, nos engendramentos da história humana, para a necessidade de reavaliar e desconstruir as narrativas dominantes. A obra, ao desdobrar essa nova cosmogonia, desafia as estruturas de poder e de conhecimento estabelecidas, propondo um olhar crítico e renovado sobre as relações humanas, a interação com o ambiente e a própria concepção de existência.

A literatura, de modo geral, opera na disrupção da letargia, regula a movimentação de sentidos e nos convoca à ação. Neste trabalho, recorreremos à literatura para refletir sobre o presente e a reinvenção do hoje face ao Capitaloceno. Para tanto, elegemos a obra *A extinção das abelhas* de Natalia Borges Polesso. Inicialmente, estabelecemos um panorama temporal do Capitaloceno. Além disso, apresentamos o "colapsômetro", uma ferramenta desenvolvida na obra para mapear e informar à população os indicadores do colapso mundial. Em seguida, investigamos como Polesso utiliza elementos da realidade brasileira em sua ficção para construir uma narrativa que espelha e questiona nossa contemporaneidade.

Dividimos nossa análise em três tomos principais. O primeiro tomo focou na incorporação de elementos representativos da realidade imediata do Brasil na obra, demonstrando como fatos e acontecimentos nacionais são transpostos para a história. O segundo tomo se concentrou na construção de personagens chave – Regina, Denise e Eugênia – e nos efeitos que exercem na narrativa. O terceiro tomo da nossa análise centrou-se na abordagem de Polesso como um delineamento para uma potencial renovação social, destacando uma crítica que incita à ação direta e imediata para a reformulação do momento atual, em contraponto à tendência de adiar resoluções para o futuro.

REFERÊNCIAS

ARVELOS, César Augusto. Buzz trap: Identificação de abelhas usando características acústicas e inteligência artificial. 2021. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

BASTOS, H. **Ficcional e Verídica (Notas sobre a historicidade da poesia)**. Curitiba: Revista Letras, 2016.

BOMBARDI, L. M. **Agrotóxicos e colonialismo químico**. São Paulo: Elefante, 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.
COMPANHIA DAS LETRAS, PAGINA DO LIVRO

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DANOWSKI, D., SALDANHA, R., VIVEIROS de Castro, E. **Os Mil Nomes de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Machado; 2022.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/101670788376199/posts/275306961012580/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Flickr. Disponível em:

https://www.flickr.com/photos/nico_bees_wasps/2443556702/in/photostream/. Acesso em: 30 nov. 2023.

FIALHO, M. C. A autoestrada do sul - O dilema da imobilidade no mundo de 2020. In: **Gazeta Arcadas**. São Paulo, 27 abr. 2020. Disponível em:

https://gazetaarcadas.com/2020/04/27/a-autoestrada-do-sul-o-dilema-da-imobilidade-no-mundo-de-2020/#_ftn1 . Acesso em: 15 abr. 2023.

FIGUEIREDO, L. C. e SANTI, P. L. **Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia**. São Paulo: Educ, 1997.

HALBERSTAM, Jack. 2020. **A arte queer do fracasso**. Recife: CEPE.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **Climacom Cultura Científica**, Campinas, ano 3, n.5, 2016.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble: Making kin in the Cthulucene**. Durham e Londres: Duke University Press, 2016.

IOVINO, Serenella. The Living Diffractions of Matter and Text: Narrative Agency, Strategic Anthropomorphism, and how Interpretation Works. **Anglia – De Gruyter**, v. 133, n. 1, pp. 69-86, 2015.

IOVINO, S., Oppermann, S. **Material Ecocriticism: Materiality, Agency, and Models of Narrativity**. Indiana University Press, 2014.

LACAN, J. **Le séminaire, livre III: les psychoses**. Paris: Seuil, 1981.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LARISSA BOMBARDI: Agrotóxicos criam colonialismo que chega às células. [Locução de]: Eduardo Sombini. Entrevistada: Larissa Bombardi. São Paulo: Ilustríssima Conversa, 21 out. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0enMiJ2PtEZns1yGfs7rxr>. Acesso em: 24 out. 2023.

LATOUR, B. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo: Ubu; 2020.

LATOUR, B., SCHULTZ, N. **Memorando sobre a nova classe ecológica: como fazer emergir uma classe ecológica, consciente e segura de si**. Petrópolis: Vozes, 2023.

LEAL, V. M. **Narrativas da diversidade na literatura brasileira contemporânea em tempos de urgência**. Abriu: Textuality Studies on Brazil, Galicia and Portugal, n. 9, p. 11-16, 2020.

MARQUES, L. **O decênio decisivo**. São Paulo: Elefante, 2023.

MOORE, J. W., **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism**, Oakland: PM Press, 2016.

MUNROE, R. Bee Orchid. 2015. Disponível em: <https://xkcd.com/1259/>

NUNES SILVA, P. et al. (2010). A POLINIZAÇÃO POR VIBRAÇÃO. *Oecologia Australis*. 14. 140-151. 10.4257/oeco.2010.1401.07.

POLESSO, N. B. **A extinção das abelhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RODRIGUES, Í. L.; MELO, D. B.; SILVA, D. A.; *et al.* Padrões Bioacústicos como Identificadores Precisos da Presença de Rainha em Colmeias de Abelhas Melíferas. In: WORKSHOP DE COMPUTAÇÃO APLICADA À GESTÃO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS (WCAMA), 13. , 2022, Niterói. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022 . p. 11-20. ISSN 2595-6124. DOI: <https://doi.org/10.5753/wcama.2022.222913>.

SAAVEDRA, C. **O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

STEFFEN, W., BROADGATE, W., DEUTSCH, L.; *et al.* The trajectory of the Anthropocene: The Great Acceleration. **The Anthropocene Review**, California, v. 2, n. 1, p. 81-98, 2015.

STEFFEN, W.; RICHARDSON, K.; ROCKSTRÖM, J.; *et al.* The emergence and evolution of Earth System Science. **Nature Reviews Earth & Environment**, Berlim, v. 1, n. 1, p. 54-63, 2020

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VEIGA, J. E. **O antropoceno e as humanidades**. São Paulo: Editora 34, 2023.

WORSTER, D. **The Wealth of Nature**: Environmental History and the Ecological Imagination. New York: Oxford University Press, 1994.

ZILBERMAN, R. **Poesia e História: caminhos que se cruzam e se bifurcam**. Muitas vozes, Ponta Grossa, UEPG, 2012.

